

AS EMOÇÕES NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: o olhar do intérprete de Libras sobre esse processo.

Rafaella Ferreira Rodrigues Barbosa (Autora); Taísa Caldas Dantas (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba, rafaellafrb@gmail.com; taísa.cd@gmail.com

INTRODUÇÃO

Através da linguagem, ao homem é possibilitado organizar seu pensamento, revelar seus sentimentos, expressar o que conhece e dialogar com os outros homens. Ela possibilita o acesso do homem à cultura, fazendo-o um sujeito qualificado a realizar transformações diversas. A pessoa surda não tem esse privilégio, pois não faz uso da linguagem oral para se comunicar, o que implica em problemas desde a socialização até o aprendizado, se não for inserido de maneira adequada na escola (BRASIL, 2006)

Segundo Marchesi (1996), a surdez se traduz na perda da percepção dos sons em maior ou menor escala. A pessoa surda tem o direito de ter acesso ao ensino regular, assim como receber os recursos e apoio da educação especial. Conforme expresso nos artigos 58 e 59 da LDB 9.394/96, esta modalidade busca atender os educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, inserindo-os nas salas de aula regulares, buscando garantir a inclusão dos mesmos, através de currículos, métodos e técnicas que atendam às suas necessidades (BRASIL, 1996).

Segundo Lacerda (2006) a linguagem é adquirida na vida social e é com ela que o sujeito se constitui como tal. É no contato com a linguagem, integrando uma sociedade que faz uso dela, que o sujeito a adquire. Já para as pessoas surdas, esse contato revela-se prejudicado, pois a língua oral é percebida por meio do canal auditivo, alterado nestas pessoas. Desse modo, no caso de crianças surdas, o atraso de linguagem pode trazer consequências emocionais, sociais e cognitivas, mesmo que realizem aprendizado tardio de uma língua.

A Educação Emocional pode contribuir para o desenvolvimento do aluno/a surdo/a, pois se configura como campo de estudos que pretende potencializar o desenvolvimento das competências emocionais como elemento essencial do desenvolvimento integral da pessoa, com objetivo de capacitá-la para a vida. É um processo contínuo e permanente, pois deve estar presente ao longo de todo currículo acadêmico e na formação ao longo da vida. A EE pretende oferecer respostas a um conjunto de necessidades que não são suficientemente atendidas na educação formal, assim como, o

desenvolvimento das competências emocionais que contribuem para um melhor bem-estar pessoal e social (BISQUERRA, 2003).

A escola é um espaço onde emoções e afetos são vividos de modo aberto, propiciando sucesso, insucesso, ciúmes, competição, raiva. Sentimentos estes importantes de serem conhecidos e exercitados para o bom convívio social. É nesta etapa (escolarização) da vida que os processos identificatórios se consolidam e o aluno/a surdo/a, sozinho/a no ambiente escolar, em sua condição de surdez, pode enfrentar uma série de dificuldades (LACERDA, 2006).

Segundo Casassus (2009), a aprendizagem ocorre como parte de uma relação emocional entre o professor e o aluno. Por isso a importância de um ambiente que leve em consideração não apenas os aspectos cognitivos, mas também, os aspectos emocionais.

Esta temática surge do interesse da pesquisadora em conhecer o universo emocional na educação das pessoas surdas, como as emoções podem contribuir para a aprendizagem, socialização, desenvolvimento pessoal, pois em se tratando de deficiências, ainda existe muito preconceito pela falta de conhecimento ou falta de interesse em conhecer e, como consequência, muitas vezes, a exclusão continua a existir mesmo quando o aluno/a está inserido em sala de aula regular. Esta realidade traz déficits não apenas em seu aprendizado, mas em seu estado emocional, por não se sentir parte daquele todo, ou não se sentir sujeito atuante no seu aprendizado.

Com isso, buscamos conhecer a realidade dos/as alunos/as surdos que estão matriculados no ensino fundamental da rede municipal de ensino de João Pessoa. Dentre os questionamentos que norteiam essa pesquisa, estão: de que modo está sendo feita a inclusão deste/a aluno/a surdo/a em sala de aula? Como suas emoções estão interferindo na sua aprendizagem? A comunicação está sendo feita de forma adequada? Ou a falta dela tem causado transtornos emocionais para os alunos/as surdos/as?

Neste sentido, para responder a essas questões, este trabalho apresenta como objetivo geral: conhecer a influência das emoções na aprendizagem e socialização dos alunos surdos matriculados no ensino regular e como objetivos específicos: Identificar as emoções que influenciam na aprendizagem e socialização dos alunos; apreciar de que maneira essas emoções estão influenciando a aprendizagem e socialização dos alunos.

O artigo a seguir apresentado será dividido da seguinte maneira: na primeira parte apresentaremos o referencial teórico que embasou a pesquisa, um pouco da trajetória de exclusão dos surdos, as políticas que os amparam, o

intérprete de libras, o que é a Educação Emocional e suas contribuições para educação; na segunda parte apresentaremos a metodologia e os caminhos adotados na pesquisa; e, por fim, a análise dos dados coletados a partir da entrevista com os sujeitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A trajetória da educação dos surdos ao longo da história revela um processo duradouro de exclusão. Por muito tempo o surdo não pôde se assumir como tal, foram mais de um século cerceados por tentativas de correção e normalização, práticas que buscavam controlar, negar e separar a comunidade surda, a língua de sinais, as identidades surdas e todo o conjunto de singularidades que diferencia os surdos dos demais sujeitos. O potencial de reconstrução da história dos surdos sobre sua educação e processo de escolarização é um marco inicial para uma reconstrução política e para que participem, ativa e conscientemente, das lutas pelo direito à língua, pelo direito a uma educação que rompa com seus métodos excludentes, para um exercício integral de cidadania. (SKLIAR, 1998).

Muitas foram as políticas criadas, ao longo dos anos, para orientar a educação das pessoas com deficiência, de como elas deveriam ser inseridas nas salas de aula, dentre outros aspectos. Inicialmente foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que estabelece “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Art. 3º, inciso V). Em seguida, foi publicada a Conferência Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990) que discutia sobre satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, onde cada pessoa deveria estar em condições de desfrutar as oportunidades educativas, bem como universalizar o acesso a educação básica de forma igualitária.

Em 1994 foi publicada a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) que disserta sobre o princípio fundamental da educação inclusiva onde todas as crianças devem aprender juntas, dentro das possibilidades, independente das diferenças. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) também é um grande marco para a educação das pessoas com deficiência uma vez que consagra a educação especial como modalidade educativa e traz um capítulo específico para regulamentá-la. Em seu artigo 59 garante que os sistemas de ensino deve assegurar aos alunos com deficiência, “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”, bem como qualificação adequada do professor e garantia de acesso igualitário aos benefícios sociais suplementares.

Somente em 2002, com a Lei 10.436, foi que se reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um meio legal para comunicação e expressão das pessoas surdas. No ano de 2005 através do Decreto 5.626 a Lei 10.436/02 foi regulamentada, dispondo sobre a formação e certificação do professor, instrutor e tradutor/intérprete de Libras e o ensino da língua portuguesa como segunda língua para os alunos surdos. Através da Lei 12.319 de 2010 foi que o exercício da profissão de tradutor e intérprete de Libras foi regulamentado e essa mesma lei dispõe sobre as atribuições desse profissional, dentre elas: efetuar a comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, interpretar em Libras as atividades pedagógicas, culturais em todos os níveis de ensino, trabalhar no apoio à acessibilidade, velando pelos seus valores éticos.

O tradutor/intérprete de Libras é o profissional que possibilita a comunicação entre surdos e ouvintes. Na escola, ele vai intermediar as relações entre professor e aluno surdo, alunos ouvintes e alunos surdos, nos processos de aprendizagem. Quando o professor não tem conhecimento/domínio da Libras, na ausência do intérprete a interação fica prejudicada, uma vez que, este aluno não conseguirá se comunicar com os demais, eles ficam limitados a participar parcialmente das atividades escolares pelo não acesso a língua oral, causando assim uma desmotivação pela exclusão parcial ou total das informações (LACERDA, 2017).

O trabalho do intérprete vai além de traduzir o que se é falado pelo professor em sala de aula, envolve também o modo como ele vai tornar os conteúdos acessíveis ao aluno surdo, isso implica em solicitar ao professor que este reformule sua aula para que ela seja mais acessível ao aluno surdo. Nesse sentido, a inclusão do intérprete em sala de aula não é a solução para todos os problemas educacionais dos surdos, são necessárias outras tantas medidas inclusivas para que se aja uma aprendizagem efetiva.

Nesse contexto, é possível perceber que existe uma gama de legislações para a promoção do acesso, inclusão e permanência dos estudantes com deficiências nas instituições de ensino, em contrapartida, os desafios ainda são inúmeros. Com relação a surdez, percebemos o quão recente é a lei que reconhece a Libras como sendo um meio de comunicação legal para os surdos, bem como, a formação e certificação do intérprete. Políticas temos, mesmo que criadas tardiamente, no entanto, necessitamos a seguridade de que as mesmas estão sendo implantadas e seguidas.

É neste cenário de exclusões, não identificação, falta de motivação e/ou interesse para aprendizagem da língua de sinais por parte dos professores e a falta de adaptações das aulas, que a Educação Emocional pode contribuir. Esta surge

como um campo inovador que se fundamenta nas necessidades sociais, tem como objetivo o desenvolvimento das competências emocionais que auxiliam a um melhor bem-estar social e pessoal. Nas palavras de Bisquerra (2003) a educação emocional:

“É um processo educativo, contínuo e permanente, que pretende potencializar o desenvolvimento das competências emocionais como elemento essencial do desenvolvimento integral da pessoa, com objetivo de prepará-la para a vida. Tudo isso visa aumentar o bem-estar pessoal e social”. (p.27)

O autor coloca a educação emocional como sendo um meio de prevenção primária não específica, cuja finalidade é a aquisição de competências capazes de serem aplicadas em várias situações, reduzindo a fragilidade da pessoa em certos distúrbios, como a depressão, o estresse, a agressividade, etc, ou a prevenção do seu acontecimento. Em função disso é proposto o desenvolvimento das competências básicas para a vida.

Nas palavras de Possebon (2017) a Educação Emocional surge de uma necessidade social e educativa e tem por objetivo maior desenvolver as habilidades emocionais, contribuindo assim com o bem-estar pessoal e social do ser humano:

“implica o conhecimento e o autoconhecimento de questões pertinentes ao universo emocional, além da aquisição de competências e habilidades que poderão proporcionar a consciência e a modulação das ações, de forma a aprender sentir e agir no sentido de proporcionar bem-estar (p. 9)”.

Podemos perceber que a EE pode promover um bem estar na sala de aula, e em relação aos alunos surdos, oportuniza que o professor regente perceba seu aluno surdo de forma diferente, ou seja, o veja para além da limitação do ouvir, entenda que ele possui competências assim como os demais alunos e deve ser incluído na sala assim como os demais. Ademais, vai possibilitar ao professor entender que sua sala de aula é um misto de emoções diferentes, pois é formada por pessoas diferentes e cada uma carrega consigo emoções distintas e o professor está ali como um mediador para ajudá-los, também, a lidar e compreender suas emoções e utilizá-las em benefício de sua aprendizagem.

Sobre isto, Casassus (2009) discorre que “a compreensão emocional que surge quando os professores estabelecem vínculos com os alunos e fazem desses vínculos o suporte para a aprendizagem” (CASASSUS, 2009, p.214). Assim, podemos inferir o quão importante e necessário é que o ambiente respeite as emoções tanto dos aprendizes quanto dos mestres para uma aprendizagem significativa e efetiva. Todos

estando em um ambiente emocionalmente saudável, a aprendizagem flui de forma simples e harmoniosa, cada um respeitando as singularidades do outro e, entendendo que precisam uns dos outros para aprender.

METODOLOGIA

Este é um recorte da pesquisa que foi realizada para o trabalho de conclusão de curso, aqui abordaremos a visão do intérprete de Libras que acompanha os alunos surdos. Como instrumento de pesquisa, utilizamos a aplicação de questionário semiestruturado, para que pudéssemos entender nossas indagações.

O campo de estudo da pesquisa foi uma escola municipal da cidade de João Pessoa. Segundo seu Projeto Político Pedagógico – PPP de 2017, esta tem como função social a “construção do conhecimento de forma a tornar possível a compreensão da realidade e a atuação consciente sobre ela pelos cidadãos que a compõem” (p.11). A escola atende cerca de 730 alunos do Ensino Fundamental – anos iniciais e finais, como também a Educação de Jovens e Adultos – EJA, com inclusão de alunos com deficiência.

Iniciamos a pesquisa com uma breve conversa, no dia 07 de novembro de 2017, com as professoras responsáveis pelo Atendimento Educacional Especializado - AEE, onde nos caracterizaram os dois alunos surdos que o intérprete acompanha no 7º ano do ensino fundamental, explicaram um pouco da dinâmica da escola e, posteriormente nos apresentaram o tradutor/intérprete de Libras que acompanha os alunos surdos.

O sujeito da pesquisa, o intérprete, possui 33 anos e trabalha como intérprete há 8 anos, fez o curso de Libras em Igrejas e na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência - FUNAD, bem como, curso de qualificação para seu cargo pela prefeitura de João Pessoa. Ele é formado em sistemas de informação para internet, com especialização em Libras. No tocante a inserção dos alunos surdos em sala de aula, FLM afirma que eles simplesmente foram inseridos, sem nenhum trabalho.

No dia 08 de novembro de 2017, fizemos a aplicação do questionário semiestruturado com o intérprete de Libras, FLM, na sala do Atendimento Educacional Especializado – AEE da escola. Explicamos do que a pesquisa se tratava, tivemos uma conversa breve sobre sua atuação em sala de aula, seu relacionamento com os alunos surdos que acompanha e seguimos para aplicação do questionário, onde FLM respondeu por escrito às perguntas do questionário.

Segundo Gil (2009, p.121) pode-se conceituar questionário como,

“a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. [...] na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. [...] designados como questionários auto-aplicados.”

O questionário foi estruturado com perguntas abertas, iniciando por questões pessoais como, nome, idade, formação, qualificações para o cargo de intérprete e sobre a inserção dos alunos surdos na sala de aula. Em seguida, vinham mais seis questões abertas sobre seu relacionamento com os alunos surdos, as dificuldades que enfrentava neste trabalho, sobre como os professores se comunicam os alunos surdos, sobre o relacionamento dos alunos surdos com os ouvintes na sala de aula e sobre os sentimentos e emoções que, de seu ponto de vista, representava cada um desses relacionamentos.

Ao concluir o preenchimento do questionário, FLM, falou um pouco sobre como se sentia neste trabalho e sobre as dificuldades que encontrara em trabalhar com alguns professores que não inserem os alunos surdos em sua aula, nem sequer os considera e, tudo quanto precisa passar de informações se dirigia apenas a ele e não diretamente aos alunos. Por outro lado, FLM, destacou a presença de uma professora que não tinha o conhecimento da Libras, mas que o procurava constantemente para ajuda-la a melhorar suas aulas, no que diz respeito a adaptações metodológicas, de modo que ela conseguisse alcançar mais ainda seus alunos surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui destacaremos os principais pontos observados durante a análise dos dados obtidos a partir do questionário. Com relação às emoções e a comunicação, socialização e relacionamento dos alunos surdos com colegas, professores e profissionais da instituição sob a ótica do intérprete de libras que os acompanha.

O intérprete afirma sentir-se próximo aos alunos, que seu trabalho vai além do ato de interpretar, quando necessário sente-se confortável para chamar atenção dos mesmos e/ou puni-los. Entende sua relação, como sendo não apenas como profissional, mas também, de um amigo.

Segundo Lima (2011) pela atuação do intérprete com os alunos surdos e a sala de aula ser uma relação diária e constante, criam-se vínculos afetivos por parte dos alunos e intérpretes, fazendo com que se sintam mais a vontade para conversar, chamar a atenção, corrigi-los quando necessário. Essa relação, também,

vai contribuir para a aprendizagem desse aluno e socialização com os demais.

Nesse sentido, Alzina, González e Navarro (2015) destacam a importância do clima emocional em sala de aula e que este favorece a aprendizagem. O melhor clima emocional é aquele que favorece o alcançar dos objetivos em uma relação cordial, a relação, por sua vez é responsável por parte desse clima emocional, essa relação é entre professor e alunos e os alunos com os outros alunos. O clima agradável é alcançado “graças à congruência e consistência dos critérios e modos de relacionamento que se estabelecem” (p.178). Sendo assim, a partir do momento em que se valorizam as conquistas de seu aluno, o esforço e dedicação que o mesmo tem, o professor está criando um clima emocional agradável, tendo também, o poder de chamar atenção quando necessário, pois os problemas não se resolvem sozinhos.

Como principais dificuldades para trabalhar com os alunos surdos, FLM destaca a falta da adaptação (ou o não saber adaptar) das aulas para este público e professores que não consideram os surdos como sendo seus alunos e, por isso não se dirigem a eles, apenas ao intérprete, onde na ausência deste último, não há comunicação e/ou interação entre os professores e seus alunos surdos.

Nesse sentido, a cartilha Atendimento Educacional Especializado – Pessoa com Surdez (MEC 2007, p. 50) afirma,

“Com relação à sala de aula, devemos sempre considerar que este espaço pertence ao professor e ao aluno e que a liderança no processo de aprendizagem é exercida pelo professor, sendo o aluno de sua responsabilidade. É absolutamente necessário entender que o tradutor e intérprete é apenas um mediador da comunicação e não um facilitador da aprendizagem e que esses papéis são absolutamente diferentes e precisam ser devidamente distinguidos e respeitados nas escolas de nível básico e superior. Não cabe ao tradutor/intérprete a tutoria dos alunos com surdez e também é de fundamental importância que o professor e os alunos desenvolvam entre si interações sociais e habilidades comunicativas, de forma direta evitando-se sempre que o aluno com surdez, dependa totalmente do intérprete”.

Conforme o exposto acima, devemos entender que o intérprete tem o papel de mediar à comunicação entre o professor e os alunos surdos, no entanto, o papel de explicar, tirar dúvidas e utilizar meios que façam com o que o aluno se aproprie do conhecimento é de responsabilidade do professor, que, em conjunto com o intérprete pode buscar meios de como adaptar suas aulas e melhorar sua comunicação com seu aluno surdo, proporcionando assim, a efetiva inclusão deste aluno em sala de aula.

Alzina, González e Navarro (2015, p. 183) discorrem sobre como a valorização e percepção do outro na aprendizagem são de suma importância, pois as emoções influenciam na forma como desenvolvemos a aprendizagem, assim, se temos um clima emocional agradável, onde o aluno é percebido, ajudado pelo professor, onde suas conquistas são valorizadas e seus erros são acolhidos e corrigidos com a devida atenção do professor, a aprendizagem flui de forma harmoniosa, do contrário, os alunos sentem-se desestimulados, inseguros ou não percebidos temos a eficiência da aprendizagem diminuída.

No tocante a comunicação, FLM afirma que alguns professores têm a compreensão da língua e aqueles que não sabem, utilizam a mímica ou simplesmente perguntam aos alunos ouvintes o que os alunos surdos estão falando, em uma resistência ou desinteresse ao novo.

Nesse sentido, Guarinello, Berberian, Santana, Massi e Paula (2006, p. 328) destacam,

“Assim, o que vemos é que ainda há um desconhecimento da surdez e de suas consequências por parte dos professores. Tal fato, geralmente, desloca a responsabilidade das dificuldades encontradas no processo de ensino aprendizagem apenas para os alunos. Como se, para esses alunos aprenderem, dependessem apenas de um intérprete de língua de sinais ou de um colega ouvinte que o ajudasse”.

No que diz respeito as emoções, FLM representa, a partir de seu ponto de vista, como é o relacionamento dos alunos surdos com seus colegas e com os professores.

Entre os alunos, ele destaca que há uma grande amizade, eles são comunicativos entre si, brincam e até mesmo brigam como todo relacionamento entre colegas de escola. Em contrapartida, escolhe a solidão, em sua maioria, para representar o relacionamento dos alunos surdos com seus professores, pelo fato de muitos os ignorarem, não pensar neles ao planejar suas aulas e por não os perceberem como sendo seus alunos, assim como os demais.

Corroborando nesse sentido, Casassus (2009, p.121) afirma que,

“Ao estarmos com os outros, sentimos a presença, somos afetados por ela antes que tenhamos a percepção do eu; nesse espaço, poderíamos dizer que somos um “nós”, quase um uno com o outro. Só recentemente surge o eu da nossa maneira de viver, em que o outro aparece como algo diferente, não como um corpo vivido, mas como um objeto a conhecer”.

De acordo com o autor acima, o eu vai se formando com base na relação que temos com os outros, sejam elas agradáveis ou não, mas essas relações contribuem não apenas para a aprendizagem, como também, para a formação pessoal do indivíduo. A partir das relações vamos

conhecendo a diversidade de pessoas e como somos diferentes uns dos outros, adquirindo assim experiência. Por isso, é importante a boa relação dos alunos surdos com os demais, essa interação vai amenizando as diferenças.

O mesmo autor (2009, p. 216) ainda destaca a importância de se compreender o outro em suas particularidades e de entender que todos nós somos diferentes e na diferença podemos nos relacionar de maneira positiva, que gere bons resultados, no entanto, para isso, temos de romper nossos preconceitos e estar abertos a compreender o outro. “Chamamos de compreensão emocional a consciência e o conhecimento afetivo [...] que permite estabelecer relações positivas”. Na sala de aula, essas relações são o suporte da aprendizagem. Quando essa compreensão emocional ocorre, concede ao outro o que ele precisa da forma que ele precisa. Da mesma forma, existe a má compreensão, ou seja, a compreensão errada dos modos, afetos ou intenções da outra pessoa e, isso pode acontecer por vários motivos. Por isso, é importante destacar que precisamos nos abrir à noção de que somos diferentes e buscar compreender o outro nas suas diferenças, ou seja, compreender como se relacionar com a diferença ao invés de só reagir a ela.

Encerramos assim, reiterando a importância da EE para promoção efetiva da inclusão, pois professores e alunos passarão a se enxergar de uma maneira mais afetiva, cada um entendendo o papel que assume na sala de aula e na aprendizagem, promovendo um ambiente mais saudável e harmônico. O intérprete exercendo sua função de mediar as comunicações, o professor, de posse ou não do domínio da Libras, vai entender a importância que tem em se comunicar diretamente com seu aluno surdo, entenderá também que precisa adaptar suas aulas e utilizar mais recursos visuais para que seu aluno compreenda melhor e se aproprie do conteúdo de forma mais fácil e prazerosa. Ou seja, teremos uma escola cada vez mais inclusiva e menos adoecida por privar seus participantes de expressarem e viverem suas emoções de forma saudável.

CONCLUSÕES

A partir da análise, podemos inferir que esse processo de inclusão e socialização do aluno surdo ainda está a passos lentos de se efetivar. Aos olhos do intérprete, temos uma relação (professor x aluno surdo) ainda muito distante, exclusiva e até desinteressada por parte dos professores. Talvez porque este, pense no contexto educacional como um todo, na importância que se tem de estabelecer a comunicação através da Libras, da necessidade das adaptações das aulas e de todo processo de

aprendizagem, para que o aluno surdo tenha a oportunidade de se apropriar do conhecimento, assim como os demais.

Percebemos, também, a falta de conhecimento dos participantes da pesquisa acerca dos conceitos de emoções e sentimentos, pois ao serem perguntados sobre tais conceitos, comumente as respostas foram sobre ter um bom relacionamento, sobre amizade, entre outros. Entendemos também a grande necessidade de se conhecer, entender e estudar a Educação Emocional no contexto escolar, pois sabemos que as emoções estão presentes em nosso dia-a-dia em tudo o que fazemos, como também, está presente em todas as formas de relacionarmos, assim o conhecimento dela é necessário para que professores e alunos possam ter um relacionamento mais saudável e de compreensão de ambos os lados.

As relações estabelecidas em sala de aula precisam ser revistas e isso pode levar tempo, no entanto o tempo investido para que se possa construir uma relação harmoniosa em sala, por mais demorado que seja, é sempre válido e não perdido, pois quando se chega a essa relação agradável, todos aprendem mais rapidamente e, torna-se mais fácil perceber quando aquele aluno se perdeu ao longo do caminho e, conseqüentemente, trazê-lo de volta à discussão, tornando todo o processo mais amistoso e produtivo, ao invés de preocupar-se tanto com a indisciplina, poderá ganhar mais tempo ao ensinar.

REFERÊNCIAS

ALZINA, Rafael Bisquerra, GONZALÉZ, Juan Carlos Pérez e NAVARRO, Esther García. **Inteligencia emocional em educación**. España: Sintesis, 2015. 339p.

BISQUERRA, Rafael. **Revista de Investigación Educativa**, 2003, Vol. 21, nº1, págs. 7-43

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 08 Ago. 2017.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO. 2009. 252 p.

GUARINELLO, A.C., BERBERIAN, A. P. , SANTANA, A. P., MASSI, G., PAULA, M de. *A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná*. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, vol. 12. N. 3. p 317-330, set./dez., 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LACERDA, Cistina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. 8ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. 96 p.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A Inclusão Escolar de Alunos Surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência.** Caderno Cedes. Campinas, vol. 26, n.69, p.163-184, mai/ago. 2006

LIMA, Niédja M. F. de. Inclusão escolar de surdos: o dito e o feito. In: DOZIART, Ana (Orgs), **Estudos Surdos: diferentes olhares.** Porto Alegre: Mediação, 2011. p 141-170.

MARCHESI, Álvaro. Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas. In: César Call; Jesus Palácios & Álvaro Marchesi. (Orgs.), **Desenvolvimento Psicológico e Educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 200-216.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Atendimento Educacional Especializado – Pessoa com Surdez.** Brasília: MEC – Secretaria de Educação Especial. 2007. 52 p.

_____. **Educação infantil:** saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez. 4ª ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 89 p.

_____. **Saberes e práticas da inclusão:** desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos. 2ª ed. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Especial. 2006. 116 p.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **As emoções básicas:** medo, tristeza e raiva. João Pessoa: Libellus, 2017. 92 p.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O universo das emoções:** uma introdução. João Pessoa: Libellus, 2017. 88 p.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos:** satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. 1990.

_____. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais,** 1994, Salamanca-Espanha.